

A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem

Jéssica Maria Freisleben  
Lutiere Dalla Valle

## A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem

Jéssica Maria Freisleben  
Lutiere Dalla Valle

**Resumo:** Este texto tem por objetivo geral desenvolver o conceito de Curadoria Artístico-Pedagógica no contexto da Educação Infantil ao fazer uso da Nutrição Estética proposta por Mirian Celeste Martins (2018). Para isso, traz como problemática: o que podem estas alianças na produção de Circunstâncias de Aprendizagem (DELIGNY, 2018) sobre si e sobre o mundo? A perspectiva metodológica da Investigação Baseada em Arte (HERNÁNDEZ, 2013) contribui para acionar percursos de experimentação artística, bem como para propor o processo investigativo dos autores da pesquisa. Os resultados obtidos sinalizam a potência desta interlocução ao estimular a ampliação de repertórios artísticos; o acesso a procedimentos técnicos e linguagens artísticas variadas; o protagonismo das crianças diante da participação ativa.

**Palavras-chave:** Curadoria artístico-pedagógica 1. Educação infantil 2. Arte contemporânea 3. Circunstâncias de aprendizagem 4.

## Artistic-pedagogical curators in early childhood education as a way to create learning circumstances

**Abstract:** This text has the general objective of developing the concept of Artistic-Pedagogical Curation in the context of Early Childhood Education by making use of Aesthetic Nutrition proposed by Mirian Celeste Martins (2018). For this, it brings as problematic: what can these alliances in the production of Learning Circumstances (DELIGNY, 2018) about themselves and

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben  
Lutiere Dalla Valle*

about the world? The methodological perspective of Art-Based Investigation (HERNÁNDEZ, 2013) contributes to trigger artistic experimentation paths, as well as to propose the research authors' investigative process. The results obtained indicate the power of this interlocution in stimulating the expansion of artistic repertoires; access to technical procedures and varied artistic languages; the protagonism of children in the face of active participation.

**Keywords:** Artistic-pedagogical curators 1. Childhood education 2. Contemporary art 3. Learning circumstances 4.

## 1 Introdução

As crianças são os melhores teóricos, pois não receberam a educação que nos leva a aceitar nossas práticas sociais rotineiras como “naturais”, e, por isso, insistem em fazer as perguntas mais constrangedoramente gerais e universais, encantando-as com um maravilhamento que nós, adultos, há muito esquecemos. Uma vez que ainda não entendem nossas práticas sociais como inevitáveis, não veem por que não poderíamos fazer as coisas de outra maneira. (EAGLETON *Apud* hooks, 2017, p. 83)

A lógica proposta pelas crianças é quase sempre de natureza exploratória, experimental e da possibilidade, do vir a ser. Uma coisa nunca “é” uma coisa, mas está sempre “sendo”. É gerúndio! É movimento constante. As provocações que surgem em um encontro pedagógico com as crianças no contexto da sala de aula são sempre tomadas pela pulsão e intensidade de um cometa: elas aparecem como feixes luminosos que brotam à medida que o desejo de saber impulsiona a formulação de perguntas. Fortuitas ou não, as questões levantadas pelas crianças estão sempre cercadas pela curiosidade, que muitas vezes rompe com a “lógica das coisas”. Um bom exemplo disso é o livro “Casa das Estrelas, o universo pelo olhar das crianças”, organizado por Javier Naranjo que consiste em um compilado de definições de distintas palavras, uma espécie de abecedário com as significações atribuídas pelas crianças. Entre o lúdico e o poético, o livro se desdobra em uma gigantesca potência inspiradora como convite à abertura, à escuta das incertezas que atravessam as infâncias e suas possibilidades no contexto educacional.

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben  
Lutiere Dalla Valle*

Imbuída de perspectivas que miram as infâncias pelo vigor e a espontaneidade como valores intrínsecos à arte educação, esta escrita busca acionar percursos artístico-pedagógicos produzidos ao longo do último ano em uma escola pública localizada em uma cidade ao sul do país. É a partir das vivências experienciadas cotidianamente junto às crianças enredadas pela produção de Circunstâncias de Aprendizagem (DELIGNY, 2018) no ensino de Artes Visuais que temos examinado como opera a produção de sentidos ao entrecruzar a Nutrição Estética (MARTINS, 2018) com a Investigação Baseada em Arte (2013) ao propormos uma Curadoria Artístico-Pedagógica no contexto da Educação Infantil. O que pode esta interlocução para a produção simbólica sobre si e sobre o mundo junto às crianças igualmente tem sido nosso foco de interesse ao articular proposições artísticas baseadas na exploração de materiais, técnicas e linguagens diversificadas.

Neste ínterim, como mote para discussão teórico-metodológica selecionamos três experiências desenvolvidas que nos ajudam a delimitar o campo para esta escrita: partimos de referências artísticas que intitulamos “disparadores de circunstâncias”. Algumas obras dos artistas norte-americanos Jeff Koons e Jackson Pollock, e da artista brasileira Lygia Clark são os atravessadores que fomentaram as experimentações artísticas com as quais iremos propor nosso percurso teórico, que busca oferecer pistas para seguirmos pensando e problematizando o que podem “as artes no universo infantil” (CUNHA, 2014).

Ao sermos afetados pela presença intensa, inventiva, inquieta, subversiva e espontânea das crianças, exercitar a escuta e observação atenta ao que lhes acontece no espaço educativo e de que modo reverbera na produção simbólica, percepções e concepções de mundo consistem nos atravessadores que impelem o ensino de arte. Ao “interrogar o habitual” (SILVA, 2018) daquilo que habita esses espaços cotidianos, nosso intuito, por meio da experiência artística, consiste em ampliar o olhar para as infinitas possibilidades no uso de materiais, um convite a revisitar os materiais tradicionalmente utilizados na/com a Educação Infantil e nas aulas de artes visuais pelas vias da ressignificação como alternativa à representação visual.

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben*

*Lutiere Dalla Valle*

Do mesmo modo, muito além do simples reconhecimento de autorias, pensar em uma curadoria artístico-pedagógica como provocação nos aporta a possibilidade do exercício crítico-reflexivo sobre como configuramos nossos repertórios visuais e, conseqüentemente, as perspectivas didático-pedagógicas que decorrem da percepção dos materiais utilizados à sua poética, às possibilidades interpretativas e de exploração no contexto de sala de aula.

## **2 Situando o campo conceitual**

Dewey (1974) há tempos nos mostra que as experiências artístico-pedagógicas precisam ser planejadas tendo como ponto de partida os envolvidos, isto é, o grupo com qual iremos compor o espaço de aprendizagem, seja ele formal ou informal. É imprescindível reconhecermos os aspectos socioculturais que participam do entorno, bem como de que modo se configuram os imaginários acerca da arte. Quiçá, seja relevante ao professor(a) (aqui entendido como propositor(a)) iniciar problematizando para além do percurso que pretende trilhar junto ao grupo, qual será o repertório artístico-cultural que fará parte do trajeto. Ao ativar obras e artistas de distintas temporalidades, lugares e etnias, o(a) professor(a) como interlocutor(a) estaria estimulando não só a ampliação de repertórios, mas principalmente acionando o percurso crítico-reflexivo, pois, como nos ensina Paulo Freire (1984): “nas relações entre o educador e os educandos, mediatizados pelo objeto a ser desvelado, o importante é o exercício da atitude crítica em face do objeto e não o discurso do educador em torno do objeto”.

Neste espaço, a ideia de uma Curadoria Artístico-Pedagógica emerge como alternativa para pensar e propor a criação de Circunstâncias de Aprendizagem baseadas na Nutrição Estética como abordagem metodológica. Destarte, cabe ressaltar que entendemos a Curadoria Artístico-Pedagógica como: a) o processo de seleção de referenciais artísticos (artistas e obras); b) a organização e sistematização dos espaços expositivos de compartilhamento e ativadores de pensamento; c) a elaboração dos disparadores pedagógicos vinculados à experiência estética,

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben*

*Lutiere Dalla Valle*

isto é, às perguntas, etapas e processos experimentais (linguagens artísticas e exploração de materiais) que entrarão em cena dentro do planejamento do(a) professor(a) (atuando como interlocutor(a)). Por meio deste roteiro prévio, projetamos uma via experimental atravessada pela pesquisa, pela invenção que de forma intencional promova mediações entre as crianças e os objetos de conhecimento propostos pelo(a) interlocutor(a) (CARVALHO, 2021).

Ao formularmos esta perspectiva, recorreremos ao conceito de Curadoria Educativa, termo cunhado por Luiz Guilherme Vergara, que considera “não uma função ligada aos museus e espaços culturais, mas uma atitude, um modo de operar consciente na escolha criteriosa do que levamos para a sala de aula e das exposições visitadas com nossos alunos” (MARTINS, 2011, p. 313). Nossa intenção, portanto, consiste em partir da proposta de Vergara para propormos um percurso metodológico baseado nas três dimensões acima pontuadas: repertórios, espaços expositivos e práticas artístico-pedagógicas. Do mesmo modo, partilhamos dos questionamentos de Mirian Celeste Martins (2006): “nas salas de aula, assim como no espaço expositivo, os educadores são também curadores, também ativam culturalmente as obras. Estarão cientes, entretanto, de suas escolhas?” (MARTINS, 2006, p. 313). Ou seja, cabe ao(a) interlocutor(a) o processo de seleção do repertório artístico que irá habitar os imaginários das crianças durante o desenvolvimento de suas proposições. Ainda de acordo com a autora, cabe problematizarmos:

O que escolhemos para mostrar? Com quais critérios? Escolhemos apenas o que gostamos ou de obras que “sabemos falar” ou o que nos provoca, nos causa estranhamento e sobre as quais queremos problematizar para ir além das primeiras impressões? Como propomos os encontros entre educadores/imagens/aprendizes? De onde vêm as imagens que utilizamos? Originais ou reproduções? Nossa seleção pode ser chamada de curadoria educativa? (MARTINS, 2006, p. 4).

Caso contrário, corremos o risco de levar somente aquilo que já conhecemos ou que esteja atrelado aos nossos desejos e prazeres. Ou ainda, seguirmos alimentando apenas repertórios históricos, generalizados, distantes das vivências das crianças. Entretanto, o que

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben*

*Lutiere Dalla Valle*

aconteceria se partíssemos do “não saber” docente (CANALES; PADILLA-PETRY; GUTIÉRREZ, 2019), isto é, daquilo que ainda nos inquieta como possibilidade para aprendermos junto às crianças? Quais seriam estas implicações para o processo educativo onde ensinamos e aprendemos de modo compartilhado?

Sendo importante levar em conta não somente obras consagradas, mas também objetos do cotidiano das crianças, lugares e artefatos que permeiam o dia a dia, assim como o fomento às experiências estéticas que partem daquilo que é trivial, naturalizado – algo que artistas contemporâneos recorrem ao produzirem suas obras.

Deste modo, o uso dos materiais para experimentações artísticas num processo de *assemblage artística* (que está presente na arte contemporânea) também pode fazer parte das proposições com as crianças. Parece-nos que esta seria uma consequência direta da implicação de uma curadoria prévia baseada na diversidade de referenciais artísticos: quanto maior o repertório, mais diversificadas e distintas as possibilidades propositivas. Assim sendo, ao conhecer obras de artistas diversos por meio de uma “nutrição estética” (MARTINS, 2018) acreditamos que “produções artísticas em diferentes linguagens são apresentadas para alimentar olhares, percepções, pensamentos”. (MARTINS, 2006, p. 4).

Por conta disso, geralmente nos momentos iniciais dos nossos encontros, apresentamos às crianças alguns referenciais artísticos através de imagens impressas, projeções ou obras originais dos nossos acervos. Do mesmo modo, imagens presentes em objetos de uso cotidiano que façam alguma referência à arte, para que, em um contínuo processo possam conhecer outras referências visuais para além de Van Gogh e Mona Lisa, que constituem as principais referências citadas entre as crianças quando perguntamos a elas algo sobre arte. Portanto seguimos acreditando que

(...) quanto maior o número (e variedade) de artistas e produções artísticas com que tivermos contato ou conhecimento, maiores, mais amplas e mais abrangentes poderão ser nossas proposições pedagógicas. A escolha de um repertório para um encontro educativo nunca é neutra: estamos sempre implicados com nossa posição (queiramos ou não). (FREISLEBEN; VALLE; CASSOL; 2021, p. 11-12)

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben*

*Lutiere Dalla Valle*

Da mesma forma, seguimos investindo esforços na desconstrução dos estereótipos, sobretudo dos imaginários atrelados ao desenvolvimento motor ou da aquisição das linguagens técnicas tradicionais, como o desenho e a pintura. Não negamos estas linguagens, ao contrário, partimos delas para ressignificá-las. Nosso convite é sempre pela interlocução, pelo atravessamento, pela via de “um desenho expandido” ou de uma “pintura desenhada” (VALLE, 2021).

Neste contexto, ao partirmos das vivências com as linguagens tradicionais, buscamos também ir além do comumente difundido como “livre expressão dos sentimentos”, conduzindo o processo artístico justamente como área do conhecimento que dialoga com sua especificidade. Fazendo menção às situações cotidianas, sobretudo do extraordinário (PEREC, 2013) recorreremos às vivências e experiências artísticas produzidas pelas crianças como um modo de acionar percursos em que possam aprender ao estabelecer relações entre imagens, grafias, cores e formas, texturas e volumes, assim como o que poderiam significar determinados elementos visuais, sensações e sentimentos que lhes provocam, entre outras narrativas que espontaneamente vão construindo mediante as circunstâncias que lhes são apresentadas.

Ao serem incitadas a manusear materiais diferenciados em que possam comparar, perceber e estabelecer relações táteis, visuais ou olfativas, as crianças exploram momentos de criação e inventividade. Portanto, pensar na criação de Circunstâncias de Aprendizagem, vai ao encontro do que propunha Fernand Deligny (2018) enquanto uma ação promovida a partir de uma ruptura, ou ainda, a partir do protagonismo como consequência de uma condição experimental que pode ser desencadeada a partir de uma eventualidade, de um acontecimento. Por sua vez, ao tomar como referência os estudos de Henri Wallon, Deligny investe na autoria e no processo que valoriza os saberes experienciais dos estudantes, suas experiências de vida, como potência para fomentar eventos de aprendizagem que lhes façam sentido.

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben*

*Lutiere Dalla Valle*

Em nosso contexto, acionar percursos de aprendizagem por meio da criação de circunstâncias artístico-pedagógicas junto às crianças, tem contribuído para explorar seus cotidianos, saberes localizados assim como o extraordinário enquanto potência. Pois, como argumenta Rodrigo Saballa de Carvalho

Em um contexto contemporâneo em que as narrativas pedagógicas enunciadas se orientam pelo extraordinário das abordagens, dos mobiliários, dos materiais, dos espaços, das didáticas e dos currículos, propor-se a pensar no extraordinário é situar-se no sentido oposto à ordem vigente. (CARVALHO, 2021, p.72).

Deste modo, as três experimentações que atravessam este artigo partem de materiais já conhecidos e bastante utilizados pelas crianças com o intuito de ir além do que já sabiam: crianças e massinha de modelar, o que poderíamos explorar a partir desta relação? Que outros materiais poderíamos utilizar para fazer pintura? Como superar a tríade tradicional escultura-pintura-desenho nas proposições com as crianças? De que maneira propor encontros com a arte contemporânea no ambiente escolar? Quais circunstâncias poderíamos experimentar ao colocar em relação arte, pedagogia, curadoria e nutrição estética?

Longe de responder de forma prescritiva às questões lançadas, o convite que segue busca angariar algumas pistas para pensarmos conjuntamente algumas possibilidades desta interlocução. Isto é, a partir deste entrecruzamento, refletir sobre o que podem as experiências artísticas atravessadas pela nutrição estética e pela curadoria artístico-pedagógica para a criação de circunstâncias de aprendizagens diversas no contexto da educação infantil.

## 2.1 Do brincar com massinha de modelar ao encontro com a arte contemporânea

*Profe, Jeff Koons também usava slime?*  
(Fragmento do diário da pesquisadora. 2023)

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben*

*Lutiere Dalla Valle*

A referência à obra *Play-doo*, do artista Jeff Koons foi nosso ponto de partida para estabelecer algumas relações com a arte contemporânea junto às crianças. Por um lado, partir de um material comum, já conhecido e inserido em suas experiências cotidianas. Por outro, por nos oferecer a possibilidade de introduzir (sob a perspectiva da nutrição estética) outros referenciais artísticos.

No cotidiano escolar com as crianças os pedidos para que usemos as massas de modelar são frequentes, e a partir disso, algumas inquietações começam a se evidenciar. Entre tantas, como possibilitar outras explorações, como estimular vivências artísticas que se relacionem com a arte contemporânea com esse material tão comum?

Logo, nos contextos de turmas de pré-escola, nível A e B (crianças de quatro e cinco anos), optamos por partir deste material para nossas proposições iniciais. Ao escutar os diálogos entre os pares e como definiam suas criações, percebemos explorações acerca de temáticas comestíveis, tais como a representação tridimensional de pequenos sorvetes, hambúrgueres, pastéis, batata-frita, frutas em geral, quase sempre oferecidos ou compartilhadas conosco, como se estivéssemos, por alguns segundos, compartilhando de uma cozinha, algum ambiente de seus cotidianos.

A partir destas percepções buscamos muitas referências de artistas contemporâneos que tivessem alguma relação, fosse em termos de materialidade ou temática. Entre uma gama de referências selecionadas e apresentadas às crianças, nos detivemos na obra “Dois cheeseburgers completos (Hambúrgueres duais)” de Claes Oldenburg (produzida em 1962) como um ponto de partida, haja visto o grande interesse. Talvez pela proximidade formal, ou ainda pela dimensão lúdica que de algum modo lhes causava ao observarem a reprodução da obra. Naquele momento, várias narrativas foram acionadas. Espontaneamente, ao sentirem-se instigadas pela imagem, as crianças tendem a verbalizar o que sentem, o que lhes desperta o interesse assim como as relações que estabelece, tanto com aquilo que já sabe como aqueles aspectos que inventa e compartilha ao ativar o processo imaginativo.

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem***Jéssica Maria Freisleben  
Lutiere Dalla Valle*

Consistem, portanto, situações propícias para que possamos conhecer melhor suas particularidades, permitindo-nos acessar parte de seus imaginários e repertórios familiares, culturais e sociais. Além disso, consiste também em uma forma de estabelecermos relações de afeto e escuta.

Ao compartilharmos sobre as produções que fazíamos na infância também instigamos as crianças a construírem tais formas, e ampliamos as possibilidades de experimentação. E nesse processo, o modo como manuseavam o material e os pedidos que faziam nos fizeram perceber o quanto já estavam condicionadas com um modo adultocêntrico de usufruir aquele material. Para surpresa das turmas, nos encontros/aulas de arte eles(as) poderiam escolher mais de uma cor de massinha, e usá-la em combinações com outras cores, algo proibido até então. Disponibilizamos muitas cores, com isso, tinham mais volume de material e as produções ficaram maiores. Convidamos outros materiais a se juntarem às produções, como régua, tesouras para os cortes, palitos de picolé, palitos de dente, cotonetes coloridos, gravetos, cápsulas de café e sementes coletadas pela escola. Com esses acréscimos, as produções ficaram ainda mais ricas em termos de uso de materiais.

**Imagem 01:** Exploração da massa de modelar e materiais diversos. 2023.



Fonte: Acervo dos Autores.

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem***Jéssica Maria Freisleben  
Lutiere Dalla Valle*

Outra referência que integrou este momento de Nutrição Estética (2018) foi o artista Jeff Koons, a partir do compartilhamento de imagens de algumas de suas obras. A obra “Play-doo” foi aquela que mais despertou interesse das crianças, justamente por simular uma gigantesca composição de massinhas de modelar. Embora tenha sido feita de alumínio policromado, seus aspectos formais e visuais assemelham-se a um amontado de massas de modelar de diferentes cores. Ao analisarem as imagens, as crianças encantaram-se com a forma, as cores e com o tamanho da obra, e imediatamente dedicaram-se a experimentar a sobreposição de pequenas placas de massinha.

Aproveitamos o dia ensolarado em meio ao inverno chuvoso do Rio Grande do Sul, e nos direcionamos ao pátio da escola, onde começamos nossa exploração. De modo participativo, a produção artística foi planejada e elaborada. Coletamos todas as massinhas disponíveis na escola e as juntamos por cor e tonalidades semelhantes, produzimos discos, que as crianças denominaram de “panquecas”. A produção foi concebida de modo coletivo e colaborativo, desde a escolha das cores, o posicionamento das pequenas placas e quem iria sobrepô-las na construção. Nos coube acompanhá-las mediando e auxiliando na resolução de conflitos e registrando suas ações.

**Imagem 02:** *Processo de produção escultórica das crianças. 2023.*



Fonte: Acervo dos autores.

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben  
Lutiere Dalla Valle*

Perceber como se movimentam, como decidem, o que levam em consideração é algo que nos possibilita também compreender como vão construindo suas percepções de mundo. Enquanto produzem, tendem a trazer narrativas orais ficcionais ou atravessadas por suas experiências cotidianas familiares, contextos culturais e sociais. Seus repertórios visuais constituídos pelos desenhos animados, pelos objetos que consomem, referências a princesas e super-heróis transitam com a mesma intensidade que lhes chega o desejo de experimentar o movimento das mãos ao amassar, esticar, perfurar e sobrepor o material.

Diante da imagem de Koons, perceberam que haviam cores distintas e admiraram-se quando receberam a informação de suas grandes dimensões. Em seguida, o exercício de análise visual e das possibilidades interpretativas formaram parte da finalização da experiência, reforçando nossa perspectiva da necessidade de investirmos em proposições que pudessem partir de uma Nutrição Estética (MARTINS, 2018). Diferentemente de uma releitura, este enfoque objetiva levar às crianças imagens que possam expandir seus repertórios, convidando-as a conhecer materiais diversificados, assim como temáticas e abordagens distintas. Nesse sentido, as leituras críticas, sensíveis e entrelaçadas aos referenciais artísticos advindas das crianças, não são casuais, fortuitas, mas intencionais. Conforme Montoya apud Cunha (2014, p.17), “a criança que não for solicitada a falar e relatar a respeito das suas experiências, a dizer e constatar aquilo que pensa e a reconstruir o vivido e o sonhado não terá condições necessárias para reconstruir as ações em nível da representação”.

Para a autora, é justamente dessas perguntas que surgirá o conhecimento significativo em relação aos materiais e à própria expressão, “pois não podemos perder de vista que os materiais são os veículos que tornam visível o invisível” (CUNHA, 2014, p. 18).

Ao término da experimentação, solicitamos que desfizessem a escultura, algo que causou espanto e descontentamento. Nesse ínterim, aproveitamos a situação para abordarmos o caráter efêmero de algumas produções artísticas, em que fica apenas o registro da obra de arte, tal como as fotografias e gravações que realizamos. Explicamos que havíamos utilizado

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben  
Lutiere Dalla Valle*

todas as massinhas disponíveis e que poderíamos deixá-la intacta, entretanto, não teríamos mais esse material para explorar em nossos momentos artísticos. Após, a resposta foi unânime! Poderíamos desfazer e construir novamente em outra ocasião.

Em cada contexto o interesse é diferente. Os interesses da turma podem variar, a depender de outras situações vivenciadas, sendo assim, os episódios narrados aqui não se apresentam como roteiros ou fórmulas a serem seguidas, mas como vias inventivas que propiciam a experimentação; por seu caráter experiencial, inventivo, autoral, propositiva e participativo; pelas conexões estabelecidas com a arte; pela ressignificação de materiais ordinários.

Em outro grupo, a massa de modelar transformou-se em animais escultóricos e semi-escultóricos, que integram o processo de entendimento do tridimensional/volumes, mas a maior fascinação das crianças circundou o tamanho das obras de Koons, monumentais; e no desejo de criar algo tão grandioso, maior que eles.

**Imagem 03:** *Processo de produção escultórica das crianças. 2023*



Fonte: Acervo dos Autores

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben  
Lutiere Dalla Valle*

Ao mesclar produções bi e tridimensionais, aquilo que em artes visuais denominamos de alto-relevo, informações que interessam ao universo adulto, de professores(as) com repertório artístico, que poderão propiciar múltiplas vivências artísticas. Se, em desenho, pintura ou escultura com a massa de modelar, é indiferente para a criança, pois assim como a arte contemporânea, elas investem em composições que fogem à regra, hibridizam linguagens, expressam-se de modos singulares e dão vida à linguagens não nomeadas ainda.

*Profe, Jeff Koons também usava slime?* Curiosidade infantil alimentada pela “nutrição estética” (MARTINS, 2011), ocorrida previamente. *Slime* é outro material afetivo para as crianças, de consistência mais gelatinosa/pegajosa que a massa de modelar, possibilitando outras relações e criações. A pedido da turma de Pré B, produzimos juntos “*slime*”, processo mágico que potencializou o espírito investigativo da turma (a ser compartilhado em outras escritas). Por hora, ressaltamos, a frase que abre o subcapítulo, juntamente com a conexão estabelecida com o artista contemporâneo que fora citado muitos dias antes, expressando uma memória afetiva; a curiosidade em saber se *slime*, material que propicia criações tridimensionais também integra as criações de Koons; da possibilidade de nutrir-se esteticamente ao ver/conhecer como esse artista teria explorado o material; Tudo isso, atrelado ao conhecimento de que os mesmos materiais pode ser explorados tanto por crianças, quanto por adultos/artistas, reforçam nossas escolhas.

## 2.2 Das caixas de papelão ao encontro com Lygia Clark

Caixas de papelão estão presentes em muitos contextos de educação infantil. Na nossa escola caixas de papelão eram facilmente descartadas. Entretanto, ao percebermos o potencial deste material para a arte, passamos a coletar caixas de diferentes dimensões e formatos. Realizamos alguns cortes nas peças, de modo que pudessem ser encaixadas umas às outras. E

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben  
Lutiere Dalla Valle*

assim, tínhamos outro material a ser explorado com as crianças. Tendo em vista a potencialidade inventiva de que um processo criativo não reside necessariamente no material, mas no modo como este pode ser acionado.

No primeiro contato, as produções criadas foram bidimensionais, onde as crianças compuseram casas, árvores, pessoas, escola, animais e uma infinidade de objetos. Durante a manipulação das formas, questionaram entre si suas representações simbólicas, estabelecendo relações por semelhanças e diferenças, noções de verticalidade e horizontalidade, dentro e fora, macro e micro, entre outras formas geométricas.

Neste ínterim, nosso interesse residiu na exploração espacial para além das construções formais, isto é, atreladas ao uso do ambiente e nas relações de comparação, representação, simbolização e interpretação que se produziam a partir das combinações que elaboravam. Deste modo, contribuindo para que circunstâncias fossem desencadeadas “para que tivesse significado para as crianças e para que possibilitasse leituras e expressões plurais sobre o mundo” mediante “intervenções pedagógicas desafiadoras.” (CUNHA, 2014, p.16).

Para tanto, desativamos o tempo e o planejamento previsto a fim de explorar não apenas as peças em composições tridimensionais, mas as narrativas produzidas entorno a estes objetos. A todo momento queriam falar sobre as formas que haviam encontrado e maravilhavam-se ao compartilhar seus achados simbólicos em meio às estruturas de papelão

Considerando que este material poderia ser utilizado também em outros momentos, organizamos os fragmentos de papelão como peças que poderiam ser facilmente remontadas com o intuito de explorá-lo em todas as suas potencialidades, contribuindo com o processo de “aquisição da linguagem gráfico-plástico” (CUNHA, 2014, p. 30). Assim como ocorre com o desenvolvimento da oralidade e da motricidade, também existe o desenvolvimento da linguagem gráfico-plástica que se estrutura mediante as experimentações. Há vocábulos específicos da área, que vai de elementos formais como linhas, cores, pontos, volumes, tipos de suporte, a temáticas consagradas pela perspectiva hegemônica da história da arte.

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben*

*Lutiere Dalla Valle*

Portanto, nossa preocupação consistiu em fomentar experiências estéticas variadas. Partindo de uma curadoria artístico-pedagógica, o intuito foi elencar referências artísticas distintas enredadas por uma variedade de materiais (materiais já conhecidos pelas crianças) e que tivessem alguma relação com produções artísticas contemporâneas. Além disso, dentro de nossa curadoria artístico-pedagógica, tencionamos o uso de outros sentidos, como olfato e tato, para além do que seria visto/mostrado. Pois, como comenta Susana Rangel Vieira da Cunha:

As instituições de Educação Infantil deveriam ser o espaço inicial e deflagrador das diferentes linguagens expressivas, tendo em vista que as crianças pequenas iniciam o conhecimento sobre o mundo por meio dos cinco sentidos (visão, tato, olfato, audição gustação), do movimento, da curiosidade em relação ao que está à sua volta, da repetição, da imitação, da brincadeira e do jogo simbólico. No que diz respeito às linguagens expressivas, esses são os fatores fundamentais para que elas se desenvolvam plenamente. (CUNHA, 2014, p. 15).

O ato de tocar, cheirar, experimentar é bastante latente na faixa etária com a qual trabalhamos neste projeto. Deste modo, assim como o cheiro das massinhas de modelar, igualmente o papelão possibilitou estabelecer relações com a dimensão olfativa das crianças: o que gostavam e o que não gostavam, que sensações lhes causavam determinados cheiros. Neste viés experimental, de sentir os materiais percebendo e explorando suas possibilidades para a criação em arte, concordamos com Susana Rangel Vieira da Cunha quando diz que “essas produções não têm o compromisso de ser realistas, no sentido de representar as coisas tal qual nós a vemos. As crianças, ao se expressarem por meio da linguagem visual, desejam contar suas histórias, pontos de vista sobre sua realidade.” (CUNHA, 2014, p. 44). Ou seja, nosso interesse se deu, por um lado, nas circunstâncias de aprendizagem produzidas, e, por outro, no caráter experimental, inventivo e do estímulo à produção de narrativas orais sobre o objeto.

Após as primeiras aproximações com as peças de papelão, de muitas experimentações em composições bidimensionais, começamos a elaborar composições tridimensionais com duas e três peças. Aos poucos, foram inserindo mais e mais peças nos encaixes, e criando narrativas orais e lúdicas. As casinhas e árvores bidimensionais se transformaram em tridimensionais.

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben  
Lutiere Dalla Valle*

Aviões, carros, motos, e muitas discussões sobre as motos com mais de duas rodas foram acontecendo.

A série dos “Bichos” produzida por Lygia Clark foi um dos disparadores utilizados pela perspectiva da Nutrição Estética veiculada por esta proposição. Experimentações que transitaram entre o bi e o tridimensional - casas, bichos, aviões, carros – lhes possibilitando explorar a criação por meio da modelagem, do acréscimo ou da retirada de material, da combinação de ambos, com múltiplos materiais, sejam aqueles conhecidos das crianças ou de outros, até então, inusitados, e termos “disponibilidade para explorar o inusitado junto com as crianças, propondo usos diferenciados para objetos comuns do cotidiano.” (CUNHA, 2014, p.48) inspirados em Lygia sugeriram movimentos possíveis, assim como novas espécies: algumas híbridas ou totalmente novas sob o imaginário infantil.

**Imagem 04:** *Processo de produção escultórica das crianças. 2023.*



Fonte: Acervo dos Autores.

Durante esta proposição, fomos convidados(as) pelas crianças para fazer parte desses momentos, contexto que nos oportunizou conversar sobre seus modos de explorar o material e as produções decorrentes. “*Profe, tu não vai construir com a gente?*”. Convite aceito e que nos

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben*

*Lutiere Dalla Valle*

permitiu pontuar junto a elas alguns aspectos formais da linguagem escultórica; da efemeridade das produções atuais; das figuras geometrizadas; da participação de outras pessoas e o sentimento coletivo na arte para além da genialidade do artista. Por fim, convidamos a falarem sobre suas percepções, sobre o que sabiam e o que gostariam de aprender sobre os materiais, sobre espaço, sobre escultura e sobre arte. Ao visualizarem um vídeo que mostrava obras de Lygia Clark sendo manipuladas, manifestaram-se curiosas e afetadas pelas dobras, pela possibilidade do movimento – algo que o papelão utilizado em suas produções também lhes permitia alguma flexibilidade. Concluímos que o extraordinário (PEREC, 2013) presente no cotidiano das crianças, assim como as minúcias que nos atravessam a partir das sutilezas, potencializam experiências significativas quando incitadas por meio de materiais que já participavam de suas vivências.

### 2.3 Do pincel ao gotejamento de Jackson Pollock: um encontro inesperado

Diante de imagens da obra de Jackson Pollock já ouvimos infinitas vezes que “esse tipo de arte qualquer um faz, até uma criança”. Ao compartilharmos imagens de obras produzidas pelo artista em meados dos anos 1950 nos Estados Unidos, é comum um olhar que reduz seu legado a “borrões” e “rabiscos” desordenados ou “sem sentido”. O que poucos argumentam, é que naquele contexto, a pintura por gotejamento ia na contramão do que tínhamos como pintura até aquele momento. Da mesma forma, que a pintura enquanto representação do real há tempos não carrega essa responsabilidade. O que de fato nos parece relevante é pontuar que decorre deste ato de transgressão (colocar a tela no chão e por meio de sua gestualidade) abertura a muitas outras experimentações. Produzir manchas, sobreposições de pigmentos através do uso de tinta em estado mais líquido que o usual, seja por gotejamento ou algum tipo de haste e não apenas a partir de pincéis, caracteriza-se, portanto, em um processo de expansão daquilo que entendemos por pintura.

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben*

*Lutiere Dalla Valle*

Este foi também um dos pratos ofertados em nosso cardápio de proposições junto às crianças para a nutrição estética proposta. Repensar a ideia de pintura. Escutávamos tantas vezes menção “à pintura sobre tela” que nos pareceu importante ressignificar e igualmente ampliar o conceito de pintura, começando pela relação com os materiais tradicionalmente atribuídos: tinta pastosa, pincel, tela.

Na experiência relatada, fizemos uso de tinta guache bastante líquida e pipetas, material não convencional na pintura, sobretudo na escola. Foram inúmeras as proposições realizadas com as crianças: individuais, em duplas, coletivas, colaborativas, em suportes de cor branca, parda, pintadas anteriormente por outras turmas, suportes de gramaturas e formatos diferentes, com guache na consistência mais líquida, com tintas feitas com elementos naturais, com o uso de pincéis, pipetas, com os dedos, as mãos, rolinhos, espátulas, dentre outros. Apresentamos a pipeta e conversamos sobre como poderíamos utilizá-la em nossas experimentações pictóricas. Explicamos e mostramos que a consistência da tinta estava diferente, mais líquida que o habitual, pois nosso instrumento exigia algumas modificações. Essa proposição foi realizada no gramado da escola, para aproveitarmos a luz do dia, e também para que nossos respingos de tinta não se tornassem um problema na escola.

Conhecer, “dominar” a pipeta, gotejar sobre o papel, criar marcas, linhas, manchas, misturar cores diferentes, gotejar água sobre as cores, experimentar, compartilhar as conquistas nas narrativas orais e mostrá-las visualmente. Jackson Pollock, referência no movimento do expressionismo abstrato, tornou-se conhecido por seu estilo único. O nome do artista foi mencionado às crianças e apresentado como referência artística da proposição, deixando para apresentar imagens somente após a experiência com o intuito de evitar algum tipo de “cópia” do que era produzido pelo artista.

Ouvimos a palavra “pipeta” incontáveis vezes e de muitas maneiras. Também tivemos muitas solicitações de uso, assim percebemos que a sonoridade da palavra lhes agradou muito.

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem***Jéssica Maria Freisleben  
Lutiere Dalla Valle*

Ouvimos “pipeta” pelos corredores pelos dias seguintes, em tom de descoberta, de uma ferramenta nova até então desconhecida.

Após alguns dias, as tintas secaram possibilitando outras intervenções. Convidamos as crianças a observarem as formas e cores em busca de alguma referência visual para viabilizar novas experimentações a partir da intervenção gráfica com canetinha preta. Como não havíamos nomeado todas as produções, exercitamos a memória para encontrar a produção de cada um(a). Observaram atentamente as manchas e linhas produzidas no intuito de suscitar imagens de animais, plantas, brinquedos entre outras figurações. Semelhante ao exercício de olhar para as nuvens no céu em busca de possíveis associações, buscaram nas manchas delinear novas formas simbólicas.

**Imagem 05:** *Processo de experimentação de pintura. 2023*



Fonte: Acervo dos Autores.

Cada criança reagia de forma diferente, em ritmos distintos. Alguns ficaram receosos e questionaram se poderiam desenhar sobre a pintura ou se deveriam desenhar no verso do papel. Com isso, percebemos o quanto está naturalizada a ideia de que só podemos desenhar e produzir algo a partir do fundo branco de algum suporte, e como sentiram-se desestabilizados diante do

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben  
Lutiere Dalla Valle*

desafio que lhes era direcionado. Entretanto, passada a situação inicial, permitiram-se construir formas a partir da observação atenta em que o processo de interpretação era acionado.

Destarte, nas proposições artísticas desenvolvidas também foi possível borrar as fronteiras, hibridizar técnicas e linguagens, subverter “a composição hierárquica das linguagens tradicionais do desenho, da pintura e da escultura” pois, ao potencializarmos experimentações pela perspectiva da “pintura-expandida” (VALLE, 2021), foi possível vislumbrar uma grande variedade de possibilidades. Pois,

Não existe mais a necessidade de argumentar se é desenho, pintura ou escultura, uma vez que nos interessa são as relações que estabelecemos com os objetos artísticos. O foco não reside apenas no que “o artista quis dizer”, mas nos diálogos que estabelecemos com tais objetos com base em nossas próprias experiências e compreensões “a partir do que vemos” e “por que vemos desta forma, e não de outra”. (VALLE, 2021, p. 169-170).

**Imagem 06:** *Processo de experimentação de desenho-pintura. 2023.*



Fonte: Acervo dos Autores.

Nesse sentido, o esforço empreendido a partir da desnaturalização do olhar e superação do formato A4 branco e retangular comumente utilizado como suporte para as produções artísticas, contribuiu para que as crianças apreendessem que não existe apenas um tipo de suporte, muito menos materiais específicos para as artes. Apreenderam também que arte é intenção, é desejo de olhar atentamente e ressignificar o comum, o habitual. E que os olhares poéticos para as sutilezas da vida cotidiana requerem o exercício constante da pausa para observar e absorver o mundo simbólico que nos toca. Através de seus relatos, foi possível

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben  
Lutiere Dalla Valle*

perceber também a potência da curadoria artístico-pedagógica ao fomentar a diversidade de referências e de materiais, assim como processos interpretativos subjetivos e autorais, sem prescrição.

### **3 Algumas considerações para seguirmos pensando**

Em nosso fazer cotidiano, assim como Carvalho (2021), tentamos desativar o tempo institucional, nosso ritmo pessoal, por vezes acelerado diante das demandas institucionais, a fim de perceber as relações que as crianças estabelecem com seus pares, com os materiais e materialidades, com as suas produções artísticas e experimentações, como analisam e julgam o que fazem e o entorno.

Ao propormos momentos de conversas sobre as experiências vividas – os desafios e as conquistas, exercícios de observação, produção e debate – reiteram nosso posicionamento atento diante de uma curadoria artístico-pedagógica: quais obras, artistas, referências e materiais – suas implicações (que nunca serão neutras) e o que almejamos produzir a partir destas escolhas. Compreender que nossos olhares tendem a buscar referências daquilo que gostamos ou nos identificamos pode ser um passo importante para reconhecermos possíveis visões estereotipadas ou que não incluem aspectos da diversidade, bem como seu potencial fomento à pluralidade.

Certamente nos cabe, como docentes interlocutores, o poder de seleção dos repertórios que irão habitar nossos espaços educativos. Portanto, perpassa nossa curadoria prévia (baseada naqueles referenciais que, em detrimento de outros, consideramos pertinentes. Mas, a partir de quais critérios selecionamos? O que está em jogo quando sistematizamos determinadas obras, artistas e materiais?

Planejar com e para as crianças, atentando às suas curiosidades em estado de escuta às suas perguntas espontâneas que brotam a todo instante, talvez seja um passo importante rumo

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben  
Lutiere Dalla Valle*

a produção de um ambiente que acolhe e amplifica as distintas vozes e que valoriza todos os matizes. Reconhecer o tempo, o espaço e a ação como forma de examinar as crenças e também de explorar o que pode ser ressignificado a partir de outros pontos de vista, nos requer uma postura reflexiva que parte do pressuposto de que o conhecimento (especialmente o da arte) não se produz isoladamente, mas a partir da interação coletiva.

Foi a partir da criação de circunstâncias de aprendizagem atravessadas por momentos de nutrição estética que percebemos o exercício da voz ativa e inventiva por parte das crianças que assumiram conjuntamente o desejo (e o desafio) de aprender sobre/com a arte. As derivas poéticas instaladas provisoriamente nos corredores e paredes da escola, para além de compartilharem imagens-relatos das experiências vividas, fomentaram a produção de novas narrativas sobre a escola e as aulas/encontros com as artes. Os espaços expositivos improvisados, produzidos com a ajuda das crianças, além de estimular seu protagonismo no exercício da tomada de decisões, contribuía para sua compreensão de como poderia ser uma expografia.

Ao incorporar a nutrição estética como estratégia a ampliação de repertório, pensar e propor a criação de circunstâncias de aprendizagem a partir da experiência artística implicou também estabelecer relações entre as imagens produzidas e os modos de conceber o fazer artístico. Neste ínterim, acreditamos que a experiência artístico-pedagógica nos exige redescobrir o espaço educativo como exercício democrático baseado no protagonismo e na inventividade.

A busca por sentido em cada proposição que lhes foi dirigida configurou uma alternativa para pensar como se relacionavam com o campo da arte contemporânea, colocando-os em constante movimentação, atentando para a deriva que a arte atual nos oferece. Possibilitou-lhes também colocar outras questões, como navegar pelos territórios instáveis da arte atual a partir de uma perspectiva pedagógica. No final das contas, configurando processos que não definem de antemão o caminho a seguir, mas se deixam surpreender pelo que acontece à medida que o

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

Jéssica Maria Freisleben  
Lutiere Dalla Valle

processo e a experiência fluem, sobretudo tomando a experiência estética como uma via criativa de pensar sobre as questões do nosso tempo.

**Referências**

CANALES, Carlos; PADILLA-PEDTRY, Paulo; GUTIÉRREZA, Luispe. **El no-saber en las cartografías sobre nuestro aprender como investigadores: una mirada post-cualitativa.** *Educatio Siglo XXI*, Vol. 37 no 2 · 2019, pp. 49-66 49 <http://dx.doi.org/10.6018/j/387011>

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. O extraordinário na docência com crianças na educação infantil. In: SANTIAGO, Flávio; MOURA, Taís Aparecida de. (Org) **Infâncias e docências: descobertas e desafios de tornar-se professora e professor.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 71-108.

CUNHA, Susana Rangel Vieira (Org) **As artes no universo infantil.** Porto Alegre: Editora Mediação, 3ª Edição, 2014

DELIGNY, F. **Os vagabundos eficazes: operários, artistas, revolucionários: educadores.** São Paulo: n-I edições, 2018.

DEWEY, J. **Arte como experiência.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné Bissau - relatos de uma experiência em processo.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984

FREISLEBEN, Jéssica Maria; DALLA VALLE, Lutiere.; CASSOL, Márcia Silveira. Pedagogias culturais e proposições pedagógicas: Experimentações artísticas com crianças do tempo presente. **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 24, p. 1–32, 2021. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.24.17634.077. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/17634>. Acesso em: 10 jul. 2023.

HERNÁNDEZ, Fernando. A investigação baseada em arte: propostas para repensar a pesquisa em educação. (In) DIAS, B.; IRWIN, R. (Eds.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/ografia.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

MARTINS, Mirian Celeste (coord.). Curadoria educativa: inventando conversas. **Reflexão e**

**A Curadoria Artístico-pedagógica na Educação Infantil como um modo de acionar circunstâncias de aprendizagem**

*Jéssica Maria Freisleben  
Lutiere Dalla Valle*

**Ação** – Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p.9-27.

MARTINS, Mirian. Celeste. **Nutrição estética: por uma didática poética na formação do professor.** Anais XXVIII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil. VI Congresso Internacional da Federação de Arte/Educadores. Brasília, DF, 6 a 9 de novembro de 2018.

MARTINS, Mirian Celeste; Arte, só na aula de arte? **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 311-316, set./dez. 2011. Disponível em:<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/9516> Acesso em: 10 jul. 2023.

NARANJO, Javier. **Casa das Estrelas.** 2ª ed. Barcelona: Planeta, 2019.

SILVA, Mariana Silva. **Zonas de contato:** ressonâncias da natureza no extraordinário. 2018. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

VALLE, Lutiere Dalla. Arte contemporânea e repertórios visuais: dispositivos pedagógicos para a educação infantil e anos iniciais. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **Arte Contemporânea e docência com crianças: inventários educativos.** Porto Alegre: Zouk, 2021. p. 163-176.

VERGARA, Luiz Guilherme. **Curadorias Educativas,** A consciência do olhar: percepção imaginativa – perspectiva fenomenológica aplicadas à experiência estética. In: Anais ANPAP, 1996, Congresso Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, p. 2.